

# Revista Iberoamericana de Turismo



## TURISMO E VOLUNTARIADO: ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA SOLIDÁRIA NO ÂMBITO DO TURISMO

**Yousra Makanse**

Bacharel em Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

E-mail: [yousra.makanse@gmail.com](mailto:yousra.makanse@gmail.com)

**Marcelo Vilela de Almeida**

Professor da Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil.

Email: [marcelovilela@usp.br](mailto:marcelovilela@usp.br)

### Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo analisar as expectativas do viajante em relação ao turismo voluntário, buscando entender suas motivações, seu perfil e suas opiniões sobre a viagem. Para isso, utilizou-se a técnica da observação participante e da entrevista aberta com um grupo de pessoas que desenvolve esse tipo de turismo com o objetivo de compreender o ponto de vista do viajante. A entidade escolhida para a pesquisa foi a organização não governamental Um Teto Para Meu País, presente em 19 países da América Latina, e o trabalho de campo foi realizado na Argentina em julho de 2011 durante os *Trabajos de Invierno*, que contaram com a presença de mais de 1200 voluntários. As entrevistas abertas foram realizadas com três voluntários de diferentes nacionalidades (França, Chile e Brasil). Os jovens entrevistados tinham entre 20 e 22 anos, frequentavam curso superior e realizaram a viagem de modo independente (sem intermediação de agências de viagens). Através das entrevistas e da observação participante, identificou-se que os turistas voluntários têm motivações pessoais distintas, sendo as mais citadas o sentimento de justiça, de igualdade e a reflexão gerada pela atividade. O contato com os moradores também é muito importante para a escolha por esse tipo de turismo, pois o turista tem a oportunidade de conhecer a região, os hábitos e costumes de seus habitantes de modo mais intenso.

**Palavras-chave:** Turismo. Voluntariado. Turismo Voluntário. Um Teto Para Meu País.

## 1 INTRODUÇÃO

A atividade turística se mostra cada vez mais importante para o crescimento da economia de diversas localidades mundo afora. Ao mesmo tempo, o trabalho voluntário se firma como uma atividade que conquista novos adeptos. Unindo essas duas atividades, surge um novo fenômeno, conhecido como turismo voluntário ou “*volunturismo*”, que proporciona uma nova experiência para seus praticantes. A atividade tem atraído mais adeptos por associar a oportunidade de conhecer uma nova localidade e uma nova cultura, ao mesmo tempo em que se pratica um ato solidário e humanitário. Assim, pode-se trabalhar tanto com crianças quanto com idosos, com a fauna ou a flora de uma região, participar de projetos sociais ou ambientais, sendo possível vivenciar a cultura das localidades visitadas ao entrar em contato direto com seus moradores. Esta atividade, em diversas regiões do mundo, já é muito conhecida; no Brasil, entretanto, o turismo voluntário começa ainda a tomar forma e conquistar adeptos.

O presente artigo, derivado de um trabalho de conclusão de curso de graduação em Lazer e Turismo, teve por objetivo analisar indivíduos praticantes do turismo voluntário, procurando compreender suas expectativas em relação à viagem, suas motivações para a prática, suas opiniões e o perfil do grupo. Realizou-se, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica sobre os temas voluntariado e turismo voluntário. Após essa pesquisa teórica, decidiu-se analisar um grupo adepto ao turismo voluntário através das suas experiências práticas, utilizando a técnica da observação participante e realizando entrevistas abertas com alguns de seus participantes. Para isso, foi escolhida uma organização não governamental - ONG chamada *Un Techo Para Mi País* (Um Teto Para Meu País) que tem como objetivo denunciar e eliminar a extrema pobreza nos 19 países da América Latina em que atua, através da construção de moradias de emergência para pessoas em situação de miséria e por meio da criação e implementação de planos de habilitação social, melhorando a qualidade de vida desses moradores. A observação participante foi realizada na Argentina no período de julho de 2011, e as entrevistas foram realizadas com três voluntários de diferentes nacionalidades

A primeira questão a ser verificada em relação ao turismo voluntário se refere às motivações para sua prática. Segundo Lage e Pastre-Rossi (2007), muitos viajantes optam por realizar esse tipo de turismo visando adquirir experiência profissional, exercitar habilidades que usualmente não são usadas, além da vontade de crescer emocionalmente e até mesmo pela busca por soluções para problemas pessoais.

Em relação ao perfil do viajante, pretendeu-se verificar se o turismo voluntário é uma atividade exercida por pessoas de diferentes idades e culturas, ou uma atividade direcionada para um perfil específico de público. Em relação ao modo como são organizadas as viagens de turismo voluntário, acreditava-se que não eram utilizadas empresas especializadas nessa atividade, restando ao viajante as opções de criar seu próprio roteiro ou procurar uma operadora de intercâmbio.

Encontram-se a seguir algumas considerações sobre o voluntariado para, em seguida, relacioná-lo ao fenômeno turístico, propiciando uma reflexão sobre o turismo voluntário. Na sequência, detalha-se a pesquisa de campo – metodologia adotada, caracterização e contextualização dos sujeitos e resultados obtidos. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências consultadas.

## 2 VOLUNTARIADO

O trabalho voluntário é uma forma de participação social que vem crescendo. No Brasil, o serviço voluntário é definido por legislação específica (Lei nº 9.608/98), criando um respaldo jurídico capaz de facilitar a “*profissionalização*” do serviço voluntário e evitar possíveis reclamações de direitos trabalhistas. Segundo a referida lei,

Considera-se serviço voluntário a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a Instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade (BRASIL, 1998).

O programa United Nations Volunteers – UNV (Voluntários das Nações Unidas), criado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas – ONU (2011), define a atividade voluntária da seguinte forma:

O voluntariado é um poderoso meio de envolver as pessoas na luta contra os desafios do desenvolvimento, e tem a capacidade de modificar o ritmo e a natureza deste. Os benefícios do voluntariado, tanto no geral, como individualmente, se mostram através do reforço da solidariedade, confiança e reciprocidade entre os cidadãos, e através da criação de oportunidades para a participação<sup>1</sup> (UNITED NATIONS VOLUNTEERS, 2011).

O trabalho voluntário é realizado através da doação do tempo livre da pessoa, visto que esta não recebe qualquer remuneração financeira para realizá-lo. Nesta atividade, o indivíduo se dispõe a oferecer ou prestar um serviço por vontade própria, visando o benefício de terceiros. Além disso, há a possibilidade de se trabalhar em prol de organizações, de instituições religiosas, de eventos, com a comunidade ou com qualquer outro ser humano, conhecido ou não.

Atualmente o trabalho voluntário tem grande significado na economia global. A International Labour Organization – ILO (Organização Mundial do Trabalho), agência especializada da ONU dedicada à melhoria das condições de trabalho no mundo, criou um manual para orientar os países a mensurar o trabalho voluntário, com o objetivo de disponibilizar dados sobre essa atividade. Segundo a ILO, o trabalho voluntário está em constante crescimento, mas normalmente é ignorado ou raramente incorporado às estatísticas econômicas. Conforme este documento, dados gerados por um projeto de comparação entre 37 países revelaram que aproximadamente 140 milhões de pessoas estão envolvidas em atividades voluntárias, representando o equivalente a 20,8 milhões de trabalhadores pagos em período integral. Além disso, estima-se que esses voluntários contribuam com 400 bilhões de dólares para a economia anualmente (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2011).

Um estudo realizado em 2004 pela empresa de consultoria Ipsos Marplan para o Portal do Voluntário desenhou o perfil do voluntário brasileiro. Segundo os resultados, 53% das pessoas que realizam esta atividade são mulheres, e muitos destes voluntários possuem alto grau de escolaridade: 20% contam com ensino superior completo e 23% contam com pós-graduação. Além disso, cerca de 30% dos voluntários estão na faixa de idade entre 18 e 34 anos, dedicando em média seis horas por mês para a atividade (INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INVESTIMENTO SOCIAL, 2011).

Sobre os benefícios e contribuições que o trabalho voluntário agrega à sociedade, Hudson (1999) define alguns aspectos, entre eles, a representação que a ação voluntária conquista, sendo de grande importância social e política; a inovação presente nesta atividade e a cidadania agregada ao ato. O trabalho voluntário tem a capacidade de acrescentar valores e sentido à vida do participante, além de promover a oportunidade de se conquistar novas competências e novos conhecimentos.

Além desses fatores, os voluntários são impulsionados tanto pela vontade de ajudar ao próximo, atendendo suas necessidades, como pelas suas próprias motivações pessoais, sejam de caráter religioso, cultural, filosófico, profissional, político e emocional.

Conforme pesquisa do Programa Interdisciplinar de Empatia e Altruísmo da Universidade de Michigan (EUA), voluntários tem a chance de viver mais do que pessoas não praticantes de atividades solidárias. De acordo com o estudo, há duas razões para este fato: a primeira é fisiológica, ou seja, o voluntariado estimula a produção de hormônios que combatem o estresse; a

<sup>1</sup>Tradução livre.

outra razão é social, já que ao realizar tal atividade, há a sensação de bem estar e a diminuição da sensação de rotina (KONRATH *et al.*, 2011).

A atividade voluntária pode ser realizada na localidade de moradia do participante, como em seu bairro e/ou em sua cidade, como também em outros estados ou outros países, com pessoas de diferentes origens e nacionalidades. Nesse caso, a atividade voluntária receberia, segundo a literatura existente, o nome de turismo voluntário ou “*volunturismo*”.

### 3 TURISMO VOLUNTÁRIO

A atividade turística cada vez mais se firma como um dos setores de maior crescimento da economia atual. Segundo dados da Organização Mundial de Turismo (2011), as entradas de turistas internacionais cresceram 6,7%, chegando a 935 milhões de turistas em 2010.

O turismo, além dos aspectos econômicos e mercadológicos comumente enfatizados, envolve contato entre o viajante e a comunidade visitada. Assim, a atividade turística acaba gerando transformações de cunho social, cultural, ambiental e econômico, devido principalmente à interação entre o viajante e o morador, nem sempre harmônica, como aponta Barreto (2004).

Este turismo “*convencional*”, chamado turismo de massa, se contrapõe ao chamado “*turismo alternativo*”, que pressupõe viagens bastante diversas e que nem sempre se mostram fáceis de precisar (FREIRE-MEDEIROS, 2007). O turismo alternativo dá vazão à experimentação do diferente, do novo; conseqüentemente, os visitantes buscam roteiros e formas de hospedagens diferenciadas e, normalmente, buscam conhecer a comunidade e outros atrativos do local visitado, além daqueles já conhecidos e popularizados. O pesquisador Wearing (2001), referência sobre o tema, assegura que o turismo alternativo é uma modalidade turística que denota atenção especial ao meio ambiente e à assistência social. Nesta categoria turística, pode-se incluir, entre outras manifestações do fenômeno turístico, o turismo voluntário, aqui abordado.

Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo Online, Wearing (LAGE; PASTRE-ROSSI, 2007) afirma que o conceito de turismo voluntário “se aplica a turistas que prestam serviço voluntário de forma organizada em suas viagens, ajudando a aliviar a pobreza material de certos grupos sociais e a restaurar alguns ambientes ou pesquisando aspectos daquela sociedade”.

O turismo voluntário pode ser entendido, também, como a utilização do tempo livre em uma viagem, fora da esfera de atividade regular, para dar assistência a outros que necessitem (McGEHEE; SANTOS, 2005); ou, ainda, como um tipo de experiência turística oferecida por uma companhia de viagens aos viajantes como uma excursão opcional (alternativa), que contém um componente voluntário, de modo a realizar uma troca de cultura com os moradores locais (BROWN, 2008).

Wearing (2001) também afirma que o turismo voluntário influencia o estilo de vida dos seus praticantes, através de uma mudança de valores e de consciência, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento comunitário, chamando-o de experiência interativa direta.

O sítio VolunTourism<sup>2</sup> contém diversas informações sobre programas de turismo voluntário tanto para organizações como para os viajantes. Criado e apoiado pela organização Via Internacional, ele ajuda a educar os viajantes, para que estes consigam tomar suas decisões em relação ao destino, tipo de trabalho e à duração da melhor forma possível, conscientes do seu tipo de experiência e das suas responsabilidades, e preparados para conhecer os desafios de ser um turista voluntário. Além disso, facilita a comunicação e o alinhamento entre a “*indústria do turismo*” e as organizações que realizam trabalhos voluntários, apoiando a primeira no atendimento aos turistas e no esforço para o desenvolvimento de corporações socialmente responsáveis e permitindo, ao mesmo tempo, que as ONGs continuem realizando seus trabalhos sociais. Segundo o VolunTourism.com:

No sentido mais amplo, o volunturismo representa as experiências de voluntariado que incluem viagens para um determinado destino, a fim de realizar um trabalho ou serviço. Em uma abordagem mais refinada e

<sup>2</sup>voluntourism.org

equilibrada, volunturismo é a combinação integrada do serviço voluntário para um destino com os elementos tradicionais de viagens e turismo – artes, cultura, geografia, história e recreação<sup>3</sup> (VOLUNTOURISM, 2011).

A prática de se deslocar para um destino buscando ajudar o próximo não é recente. Tanto missionários como médicos, curandeiros, exploradores e inúmeros outros grupos já realizaram a prestação de serviços em suas viagens. Conforme Urry (2001), as antigas peregrinações religiosas, realizadas principalmente entre os séculos XII e XV, já desenvolviam atividades e ações voluntárias. Nas Santas Casas de Misericórdia, a partir do século XV, já se realizavam atividades voluntárias e, também nesse período, as ações solidárias em terras distantes envolviam, inclusive, um sistema consolidado de hospedarias para viajantes, mantido por religiosos.

A partir dos anos 1990, principalmente, agências de turismo e ONGs passaram a unir a atividade turística com o trabalho voluntário. Esse fenômeno, originalmente britânico e europeu (WEARING; McGEHEE, 2013), tem atraído mais adeptos e se popularizado no mundo. Muitos dos programas oferecidos têm como destino países subdesenvolvidos, como os países africanos e latino-americanos.

A maioria dos turistas brasileiros que realiza o intercâmbio combinado com atividades voluntárias está na faixa dos 20 aos 30 anos. São universitários ou recém-formados que querem ter uma experiência adicional à formação (pessoal e profissional), pois cada vez mais essa atividade é valorizada no currículo. Há também voluntários que já viajaram muito e procuram uma experiência diferente, normalmente em um país inusitado, realizando uma atividade próxima à comunidade (VENTURIERI, 2010).

Apesar de não ser uma atividade nova, o turismo voluntário ainda é pouco estudado e pesquisado. No Brasil quase não há pesquisas e trabalhos acadêmicos sobre o assunto, e a maioria dos artigos encontrados é de origem norte-americana ou europeia.

De acordo com Andereck et al. (2010), a diferença entre uma atividade turística comum e o turismo voluntário é que este envolve um maior contato com o residente e os níveis de intensidade psicológica e emocional do turista são maiores. Segundo os autores, quando superadas ou excedidas as expectativas, que são as percepções preconcebidas ou pré-experimentadas do desempenho ou atributos de determinado produto, elas transformam a experiência em uma lembrança positiva. A pesquisa para este trabalho foi realizada com um grupo de turistas voluntários e incluía perguntas sobre a preparação para a viagem (tratamentos preventivos, pesquisa sobre a cultura do país, itinerário da viagem, línguas, contato com outros turistas voluntários) e sobre a interação com a comunidade (participação nas atividades locais, observação dos costumes, compra de produtos tradicionais). Após análise, os entrevistados foram divididos em cinco grupos com características comuns:

- Os não aventureiros: não possuem muitas expectativas em relação à interação com os moradores locais. Eles têm interesse maior em atividades relacionadas com o meio ambiente, com animais ou com foco cultural, e não têm interesse em atividades relacionadas à arte ou que exijam muitas habilidades. É o grupo que está menos inclinado a trabalhar com ajuda humanitária ou com crianças, e que se preocupa mais com o conforto físico e mental em uma viagem de turismo voluntário.
- Os humanistas: ao contrário dos não aventureiros, é o grupo que tem as maiores expectativas em relação ao contato com os moradores locais, incluindo contato físico com crianças pequenas e reconforto a pessoas doentes ou à beira da morte. Em relação à hospedagem, é o grupo que menos tem problemas com as questões de conforto, podendo dormir em campings, *hostels* e casas de famílias locais. Por ter grande expectativa com o contato com os moradores, prefere as comidas tradicionais da região. Com esse perfil, são pessoas mais indicadas a trabalhar em regiões atingidas por desastres ou em países pouco desenvolvidos.
- Os envolvidos com a comunidade: esse grupo tem grandes expectativas em relação ao contato com a comunidade, principalmente no trabalho com crianças e necessidades humanas. É o grupo com maior experiência internacional, inclusive em países em que não se fala inglês. Para

<sup>3</sup>Tradução livre.

eles, é essencial o contato com a comunidade, e o interesse maior reside no trabalho em creches e hospitais.

- Os trabalhadores: esse grupo espera trabalhar com a comunidade local, mas também aceita realizar trabalhos apenas com outros turistas voluntários. Além de querer desenvolver atividade com crianças, gostam de experiências relacionadas à arte e cultura. É o grupo que prefere realizar atividades físicas às psicológicas, como construção de casas e parques.
- Os não sociais: o grupo que menos tem interesse e expectativas em trabalhar e estar em contato com a comunidade local. Esse grupo não se sente confortável com experiências emocionais ou psicológicas, preferindo trabalhar com o meio ambiente ou com animais (ANDERECK et al., 2010).

A pesquisa conclui que não há um grupo homogêneo de turistas voluntários; apesar disso, há algumas características comuns a quase todos os entrevistados: todos esperam encontrar uma experiência de qualidade por um preço razoável, e a maioria espera que a experiência seja internacional; eles não gostam de comprar pacotes de turismo de massa; têm responsabilidade sobre a preparação da viagem, mas esperam ser atendidos com informações e instruções das agências em relação à viagem.

#### 4 TURISMO VOLUNTÁRIO NA OPINIÃO DE SEUS PARTICIPANTES: PESQUISA DE CAMPO

Para o desenvolvimento deste trabalho a pesquisa se dividiu em duas etapas: inicialmente houve a pesquisa bibliográfica sobre os temas norteadores da pesquisa; a segunda etapa do trabalho constituiu na utilização da etnografia como metodologia. Segundo Flick (2004), a etnografia é um método no qual o pesquisador se insere por um período determinado de tempo na vida de um grupo de pessoas, identificando-se como pesquisador ou não, com o objetivo de observar e analisar as situações do cotidiano deste.

A proposta era entrar em contato com algum grupo que realizasse turismo voluntário ou com uma comunidade que recebesse viajantes para trabalhos solidários, e acompanhá-los em uma viagem. Desse modo, haveria a possibilidade de se inserir no papel de turista voluntário, realizando as atividades por este praticada, observando a infraestrutura da viagem e compreendendo suas razões e motivações para tal prática.

Através do método da etnografia, foi utilizada a técnica da observação participante, que consiste no contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para recolher e observar as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista (CHIZZOTTI, 1991).

Por meio da observação participante e do contato direto com os membros do grupo, foi utilizada, como técnica de coleta de dados, a realização de entrevistas abertas, visando obter um detalhamento das opiniões dos participantes, introduzindo um tema geral e dando ao pesquisado a oportunidade de discorrer sobre o assunto e expressar seus conceitos livremente.

A organização escolhida para essa análise se chama Um Teto Para Meu País – UTPMP, uma organização latino-americana não governamental, sem fins lucrativos, liderada por jovens de distintos países da América Latina. Nasceu no Chile, em 1997, quando um grupo de jovens universitários juntamente com o sacerdote jesuíta Felipe Berríos decidiram construir uma capela através de uma atividade social. A partir dessa iniciativa, sentiram a necessidade de denunciar a situação de pobreza extrema em que vivem milhares de pessoas através da construção de casas de emergência e da realização de planos de habilitação social.

Em 2001 a organização começou a se expandir para outros países do continente latino-americano e do Caribe, e hoje está presente em 19 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Conta, também, com um escritório nos Estados Unidos (TECHO, 2014). A organização já mobilizou mais de 530.000 voluntários de diversas nacionalidades em projetos e construiu cerca de 90.000 moradias.

Para atingir seu objetivo, o projeto se divide em três fases:

- Etapa I – Construção de casas de emergência: tem como objetivo satisfazer uma necessidade imediata de moradia digna.
- Etapa II – Habilitação Social: nesta fase são realizados diversos planos e trabalhos permanentes com a comunidade, para que esta possa sair da condição de extrema pobreza.
- Etapa III – Comunidade Sustentável: por fim, são executados planos e projetos que permitem que a comunidade consiga solucionar suas principais necessidades de maneira definitiva, como problemas estruturais e sociais por meio da criação de bairros sustentáveis. Até o momento da pesquisa, essa fase só tinha sido alcançada pela organização no Chile, por ser um processo de implantação longo e trabalhoso.

A escolha da organização Um Teto Para Meu País se deu pela facilidade de acesso às informações sobre a ONG, pelo envolvimento anterior de um dos autores com projetos desenvolvidos no Brasil e pela facilidade de contato com os demais escritórios latino-americanos.

Após a escolha da organização, foi definida a Argentina como país no qual se realizaria o turismo voluntário. Entre os dias 22 e 31 de julho de 2011, houve a realização dos trabalhos de inverno na Argentina, precisamente, nas províncias de Chaco, Santiago del Estero e Entre Ríos. Essa atividade foi escolhida pela facilidade de locomoção para o país definido, pelo período de trabalho e também pela facilidade de comunicação com a língua espanhola. Entre os voluntários confirmados para esta construção, havia aproximadamente 600 argentinos, 600 chilenos, além de franceses, guatemaltecos, peruanos, brasileiros, entre outros.

Segundo reportagem online do periódico argentino Última Hora (2011), as três províncias escolhidas localizadas ao norte do país eram consideradas as mais pobres da Argentina, devido aos seus problemas de desnutrição, doença de chagas e falta de saneamento básico.

Cada equipe de construção era composta por dois líderes (um chileno e um argentino) e contava com mais cinco voluntários. Todos os voluntários chilenos já tinham experiência com construção, ao contrário dos argentinos que, com exceção da líder, estavam construindo pela primeira vez.

Além da construção, os voluntários participavam durante todo o período de trabalho de atividades de formação. Tais atividades tinham o objetivo de fazer o voluntário refletir sobre a realidade das famílias com as quais os grupos se envolveriam, considerando noções como extrema pobreza, igualdade, direitos humanos e outros assuntos relevantes. A proposta era de que o trabalho não se encerrasse ao término da construção, e que, a partir desta, o voluntário pudesse adquirir novos olhares sobre o mundo e sobre a sua própria comunidade.

Através da observação participante, percebeu-se que os voluntários, de modo geral, mostravam-se cansados ao fim dos trabalhos de inverno, porém realizados e felizes com a experiência vivida. Foram sete dias de trabalho árduo, fazendo grandes esforços físicos, carregando materiais pesados, martelando e cavando. Todos os voluntários permaneceram durante todo esse período sem tomar banho, dormindo em colchões de ar ou em sacos de dormir, comendo de forma simples e vivendo uma realidade diferente da que estão acostumados, sem banhos quentes ou colchões confortáveis. Muitos viajaram grandes distâncias para ajudar pessoas desconhecidas, passar uma semana em contato com indivíduos que não falavam a mesma língua e aproveitar as suas férias ou o seu tempo livre em uma comunidade cercada por lixo e urubus por todos os lados. Observando os voluntários, notou-se que muitas vezes se mostravam exaustos e até irritados com o cansaço extremo e a falta de sono.

Em conversas informais, identificou-se que as motivações para a realização do turismo voluntário variavam de indivíduo para indivíduo. Muitos já conheciam a organização e tinham interesse em conhecer outro país. Alguns relatos descreviam a vontade de conhecer a situação de vida das pessoas carentes em outros países, além de entrar em contato com os hábitos e costumes destas e suas formas de trabalho. Um norte-americano relatou que unia o turismo à atividade voluntária, pois assim tinha a chance de conhecer diversas pessoas e treinar o seu espanhol, além de não ficar sozinho pela cidade. O que se percebia facilmente é que o contato entre os voluntários durante os dias de trabalho era muito intenso e amigável, fazendo com que as pessoas se aproximassem e desenvolvessem um clima de intimidade.

Definida a participação nos trabalhos da referida organização, procedeu-se à escolha dos participantes para a pesquisa, o que ocorreu pela afinidade, facilidade de contato e diversidade de nacionalidade entre os selecionados. Foram escolhidos um brasileiro (entrevistado um, sexo masculino, 21 anos, cursando segundo ano de Economia), uma francesa (entrevistada dois, sexo feminino, 20 anos, com ensino médio completo) e um chileno (entrevistado três, sexo masculino, 22 anos, cursando quarto ano de Pedagogia) para as entrevistas. A entrevista com o brasileiro foi realizada em português e tanto a entrevista com o chileno como com a francesa foram realizadas em espanhol. Entretanto, para facilitar a coleta dos dados da entrevista, todas as entrevistas foram transcritas em português. Todos os participantes autorizaram a transcrição de suas falas.

Os entrevistados tinham idade entre 20 e 22 anos e já haviam concluído o ensino médio. O perfil dos entrevistados era semelhante, pois a organização tem como foco o trabalho voluntário realizado por jovens universitários, com idades entre 18 e 30 anos. Menores de 18 anos só podem participar das construções de escolas, que são realizadas em parcerias com instituições educacionais, mediante autorização dos pais; não há restrição para a participação de pessoas com mais de 30 anos.

A coleta dos dados das entrevistas ocorreu na escola em que a autora ficou alojada, na cidade de Paraná, província argentina de Entre Ríos. Para o registro das entrevistas foi utilizado um caderno e, posteriormente, as entrevistas foram transcritas. Estas foram realizadas em três diferentes dias, todas no período da noite, após a volta dos voluntários da comunidade, durante o tempo livre anterior ao jantar.

A primeira pergunta se referia à prática de trabalho voluntário antes da viagem. Pretendia-se saber se os entrevistados já praticavam trabalho voluntário no seu país de origem ou se começaram a praticar no momento da viagem.

O entrevistado três, do Chile, já possuía um histórico de trabalho voluntário:

No Chile é muito comum realizar trabalho voluntário desde criança. No colégio realizamos missões, que são projetos da Igreja Católica. Conhecemos comunidades carentes, conversamos com a população, acompanhamos as famílias. A cultura chilena é muito voltada para a caridade. Todos os meus amigos participam de trabalhos solidários, seja na faculdade, ou em programas de reciclagem, de apoio a animais abandonados, ou pessoas doentes (entrevistado três).

Segundo o entrevistado, a prática de atividades voluntárias é algo comum no Chile – através de conversas informais com outros voluntários chilenos, essa informação foi confirmada por relatos sobre trabalhos voluntários anteriores, não só pessoais, mas também de familiares e de conhecidos. Além disso, o entrevistado três afirma que faz parte do quadro de voluntários fixos da organização no Chile, trabalhando com planos de educação.

Eu participo da ONG *Un Techo Para Mi País* Chile desde 2008. Lá no Chile eu trabalho com a Habilitação Social, que é a segunda fase do projeto. Acho que realizar esse trabalho me faz conhecer uma realidade que passa despercebida para muitas pessoas. Faz com que eu me sinta mais chileno (entrevistado três).

Para o entrevistado um, do Brasil, a prática de trabalho voluntário também era comum. O entrevistado começou a participar de atividades voluntárias por influência dos seus pais e continua participando constantemente.

Realizo trabalho voluntário desde os doze anos. Meu pai e minha mãe sempre participaram de eventos de caridade e eu participava também. Depois disso trabalhei por alguns meses na ONG Beija Flor, que realiza visitas a asilos e creches. Também participei de atividades em hospital, nas quais nos fantasiávamos de palhaço e íamos passar uma tarde com crianças com câncer. Era uma pequena parte do meu dia em que eu fazia dezenas de crianças rirem apenas por estar usando um nariz de palhaço e fazendo pequenas palhaçadas. Entende? Eu não precisava ter nenhum conhecimento, não precisava comprar

nada, bastava minha presença e eu via o sorriso daquelas crianças, perguntando quando eu ia voltar (entrevistado um).

Percebeu-se que a influência da família foi um dos impulsionadores para que o entrevistado começasse a realizar trabalho voluntário e que se tratava de uma atividade constante na sua vida desde a infância. Em compensação, para a entrevistada dois, da França, praticar trabalho voluntário não era uma atividade comum. A entrevistada comenta que no seu país a atividade em si não é muito popular.

Na França eu não costumava realizar trabalhos voluntários, apenas participei de alguns eventos com a escola. Lá o trabalho voluntário não é muito comum... Há alguns trabalhos em campos agrícolas, em fazendas orgânicas, trabalhos de organizações para fiscalizar a política, mas eu nunca me interessei tanto por isso (entrevistada dois).

Observou-se, no entanto, que a voluntária francesa não tinha muito conhecimento sobre as atividades voluntárias do seu país de origem, considerando que a Europa concentra a maior parte das sedes de organizações beneficentes e, talvez por essa razão, não participasse mais ativamente dessas atividades.

A pergunta seguinte realizada aos entrevistados se referia ao conhecimento prévio do trabalho da organização Um Teto Para Meu País. Procurava-se saber se os voluntários já conheciam a ONG, se sabiam quais eram os seus objetivos e sua forma de atuação.

O entrevistado três já conhecia o trabalho da ONG, tendo participado de mais de sete construções e sendo voluntário fixo da segunda fase do projeto. Ele conheceu o trabalho da ONG em 2007, através de campanhas universitárias, mas participou da primeira construção apenas em 2008.

O entrevistado brasileiro também conhecia a organização e já havia participado de três construções no Brasil (tinha conhecido o projeto através de uma amiga).

Conheci o Teto este ano, através de uma amiga que já participava. Me inscrevi para a construção de abril e desde então não parei mais. Mas antes disso também já havia visto publicidade da organização na internet (entrevistado um).

Por ser uma ONG latino-americana, a divulgação dos projetos na Europa é mínima, e a entrevistada dois só teve conhecimento do projeto através de uma amiga chilena.

Tenho uma amiga que mora no Chile e sempre me falou dos trabalhos voluntários dos quais ela participava. E ela me contou sobre o Teto. Eu vi as fotos, fiquei com vontade de conhecer e já aproveitei que queria visitar o Chile para participar (entrevistada dois).

Constatou-se, assim, que todos os voluntários já tinham um conhecimento prévio da ONG, o que pode ser um indicador de segurança em uma viagem cujo objetivo é a prática do voluntariado, por estes confiarem no trabalho realizado e se sentirem seguros em viajar longas distâncias para passar alguns dias em contato com a organização e com seus membros.

Outra questão colocada aos entrevistados se referia às motivações para a prática da atividade voluntária. Essa pergunta tinha como objetivo entender porque os voluntários gastavam seu tempo livre em atividades voluntárias, sem receber nenhuma remuneração por isso.

O entrevistado três respondeu que suas maiores motivações eram as crianças e a mudança que realizava na vida destas.

Eu venho pelas crianças. Para mim, poder fazer algo bom para o próximo é incrível, mas poder mudar a trajetória da vida de uma criança é o que realmente me motiva a continuar. Eu faço faculdade de Pedagogia e a educação é um dos pontos que me toca. Pensar que há milhões de crianças que não tem acesso à educação é absurdo! Um dia, no Chile, eu conheci uma família que tinha dois

filhos. Enquanto eu fazia enquete com eles, perguntei que série cursavam, pois praticamente todas as crianças dessa comunidade estavam na escola. A mãe então me disse que eles não iam mais para a escola, pois só tinham um par de calçados, que eram chinelos velhos e rasgados, e que os colegas de classe zombavam deles por causa disso. Ou seja, eu tive contato com duas crianças que não tem educação porque não tem calçados! Você percebe o absurdo que é isso? Desde esse momento o que me faz voltar é pensar nas crianças. Pensar que eu posso passar um fim de semana conhecendo-as e brincando com elas, ajudando sua família a construir uma casa e colocando uma motivação na sua vida. E não só passar o fim de semana, mas voltar e continuar fazendo parte da vida deles. O contato que a gente tem quando está fazendo trabalho voluntário é muito intenso. No Chile eu participo do plano de educação da Habilitação Social (segunda fase do projeto da Organização) e ensino crianças a ler e escrever, ajudo no reforço escolar. A educação tem a capacidade de mudar a vida das pessoas. E às vezes elas só precisam de um incentivo para gostar de estudar (entrevistado três).

Pelo discurso, pôde-se perceber que outra das motivações do entrevistado três era a indignação com a situação atual de algumas famílias e a oportunidade de fazer o bem e mudar a vida de outra pessoa. O chileno faz parte do quadro de voluntários fixos da habilitação social, ou seja, ele trabalha com a organização, visitando as famílias e comunidades semanalmente.

O entrevistado um não tinha em mente uma única motivação para realizar trabalho voluntário.

São tantas as razões... Eu pratico trabalho voluntário porque eu gosto de fazer o bem... Porque eu acho que todos os seres humanos merecem dignidade e uma vida boa... Mas também pratico porque me faz bem (entrevistado um).

Segundo o brasileiro, praticava trabalho voluntário pelos outros e por ele mesmo, por ser uma atividade na qual ele se sentia bem, ao mesmo tempo em que ele fazia bem para outro indivíduo.

Quando eu estou nesses projetos eu consigo sentir coisas que não sinto na minha vida “normal”. Eu sinto que eu consigo quebrar minhas barreiras, consigo trabalhar em equipe, consigo superar desafios que eu jamais pensei que existissem. E também consigo refletir. Reflito sobre a minha vida, sobre as minhas escolhas. Sobre o meu egoísmo também, sobre o “reclamar de barriga cheia”. Porque é exatamente isso que eu faço. Eu reclamo do tamanho do meu quarto e venho aqui e construo uma casa para uma família de seis pessoas que é menor que ele. Eu reclamo que eu não comprei um celular novo que custa 800 reais e venho aqui e vejo uma família que sobrevive com 100, por mês. E eu gasto isso em um fim de semana. Sabe, é um tapa na cara. Que todo mundo devia levar. É abrir os olhos para o que realmente importa. Perceber que a sua cidade não é só aquela coisa linda e perfeita que você costuma ver da janela do seu quarto. Que há um mundo de gente vivendo em um cantinho perigoso, um monte de crianças sem educação, sem água pura! Sem esgoto, entende? Esgoto é algo que você nunca se preocupou, porque desde que você nasceu você sempre teve! E enfim, quando eu estou aqui na comunidade eu sinto que realmente somos todos iguais. O Salvador (morador da casa construída pelo entrevistado um na Argentina) tem 19 anos, gosta de futebol e escuta Iron Maiden. Qual é diferença entre mim e ele? Oportunidade? Pais ricos? Nós somos iguais e deveríamos ter a mesma qualidade de vida! Deveríamos ter educação, saúde, moradia, saneamento básico. Não são esses os direitos humanos? A única diferença que deveria existir entre nós deveria ser a rivalidade no futebol (risos). Enfim, eu pratico pra tentar mudar um pouco isso. Para tentar dar oportunidade para que o Salvador ou para que os Joãos e Josés que eu conheci possam ter uma vida melhor. Eu sei que é pouco, mas se todos também se preocupassem um pouco com o próximo, seria suficiente (entrevistado um).

Pôde-se verificar também na resposta a indignação do entrevistado em relação às oportunidades que apenas algumas pessoas têm. Ele mesmo exemplificou que gastava mais em um dia do que uma família ganha em um mês, e se sentia revoltado com a situação. O entrevistado acreditava, ainda, que seu trabalho não era suficiente, mas esperava que muitas pessoas praticassem atividades voluntárias, até que elas não fossem mais necessárias.

Outro ponto evidente na resposta deste entrevistado era a motivação para realizar atividades voluntárias. Ele acreditava que, através das atividades conseguia refletir melhor sobre o seu papel no mundo e sobre sua percepção de indivíduo e igualdade.

Para a entrevistada dois, a motivação para realizar trabalho voluntário era poder ajudar uma pessoa em situação menos favorável, através do seu conhecimento e da sua vontade. Ela ainda acreditava que, através desta atividade, podia conhecer novas pessoas e fazer novas amizades.

As pessoas não olham para os outros, estão sempre preocupadas somente com seus ganhos, com sua vida, seu salário, seu carro, seu celular novo. Na França a pobreza não é tão evidente como aqui na América do Sul. Eu visitei o Chile e agora vim para a Argentina para entender mais essa realidade. Para mim é inadmissível as pessoas viverem desse jeito. E eu sinto que posso fazer algo para ajudar essas pessoas. Eu tenho conhecimento, tenho tempo e tenho vontade. Então, porque não ajudar quem mais precisa? Quando eu realizo esses trabalhos eu conheço muita gente de bom coração. São amizades verdadeiras, sorrisos sinceros. Dos outros voluntários e principalmente das famílias com quem trabalhamos (entrevistada dois).

Pôde-se, pois, notar que as motivações para a realização do trabalho voluntário eram diferentes e pessoais. Além disso, os entrevistados não se apoiaram em uma única resposta, utilizando sempre mais de um argumento.

Pretendia-se também, por meio de outra pergunta, descobrir o que motivava os voluntários a realizarem uma viagem com o objetivo de praticar ações sociais, apesar de terem que arcar com os custos da locomoção até o destino e utilizarem o seu tempo livre com trabalho. Segundo o chileno (entrevistado três), realizar um trabalho voluntário no seu país ou em outro país teria os mesmos fins, porque todos são humanos e merecem os mesmos direitos.

Bom, eu vim aqui para a Argentina primeiro porque eu sempre quis conhecer a realidade das favelas de outro país. E também porque acredito que a América Latina, e também o mundo, são um só. Todos são humanos e não importa onde moram. A nossa responsabilidade não termina na fronteira do nosso país (entrevistado três).

Nota-se neste depoimento a noção de igualdade entre os indivíduos de diferentes países. O mesmo discurso é encontrado na fala do capelão da organização no Chile, Cristián del Campo, em entrevista ao jornal *La Opinión*, conhecido periódico chileno. Cristián afirmava que a fronteira geográfica e política não podia ser um limite para a luta contra a pobreza e afirmava que a caridade podia começar em casa, mas não deveria terminar ali<sup>4</sup>.

O entrevistado três também apontou outros motivos para realizar o trabalho voluntário na Argentina: conhecer diferentes métodos de trabalho e conseguir ideias para aprimorar o desenvolvimento da organização no Chile.

Além disso, eu queria conhecer o trabalho do *Techo* Argentina, seus instrumentos, o seu desenvolvimento e os métodos de trabalho. Vivenciar outra realidade pode ajudar a melhorar o nosso trabalho no Chile, ao mesmo tempo em que podemos contribuir com ideias para o aprimoramento do trabalho deles aqui (entrevistado três).

<sup>4</sup><http://www.laopinon.cl/noticia/sociedad/600-jovenes-partieron-construir-argentina-en-el-marco-de-los-trabajos-de-invierno-d> - Tradução livre.

Já o entrevistado brasileiro acreditava que ao realizar um trabalho voluntário em outra localidade, ele conseguiria criar um vínculo e um contato com os moradores locais que não conseguiria por meio de uma simples viagem.

Quando você viaja parece que está apenas observando tudo aquilo da sua janela. Você não conhece a verdadeira essência e cultura de uma cidade conhecendo apenas seus pontos turísticos, seus restaurantes e seus hotéis. Para conhecer uma cidade de verdade, você precisa conversar com os moradores, ver como eles se sentem naquele lugar, ver o que eles gostam de fazer e como vivem. Quando você está fazendo trabalho voluntário você está vendo as crianças, as escolas, a comunidade. É como um exercício de abrir o seu olhar e enxergar a verdadeira realidade. Abrir os olhos, encarar, ver a fundo e sentir. Quando eu decidi vir para a Argentina, eu queria ter uma visão diferente daquela Buenos Aires romântica, com a sua arquitetura “*européica*” e seus restaurantes finos. Eu queria conhecer como um argentino de classe baixa vive, como são as comunidades daqui, queria ver como os nossos *hermanos* se viram (entrevistado um).

Em compensação, para a entrevistada dois, realizar trabalho voluntário representava uma oportunidade de ajudar localidades menos desenvolvidas e, ao mesmo tempo, aproveitava para conhecer uma nova localidade.

Quando você é apenas um turista, vê somente as paisagens, as coisas belas. Você vê uma realidade que muitas vezes não faz parte da vida das pessoas que moram próximas dali. Quando você viaja para outro país e descobre que tem pessoas que vivem no lixo é um choque. O lixo que você joga todos os dias fora, através de um consumo sem tamanho. E as pessoas vivendo no lixo e sobrevivendo com ele... Eu venho da França e a realidade é bem diferente. Lá nós não temos pessoas vivendo em comunidades desse tamanho, desse jeito. Então eu acredito que as pessoas aqui precisam mais de mim do que os franceses (entrevistada dois).

Notou-se, pois, que um dos principais motivos para realizar trabalhos voluntários em outro país era conhecer mais de perto a realidade daquela população. Os principais argumentos se baseavam no fato de que quando alguém viaja conhece apenas os pontos conhecidos e belos das localidades, ao passo que, quando se viaja para realizar um trabalho voluntário, consegue-se conhecer seus moradores e interagir com eles, identificando seus gostos e suas características. Ao trabalhar com a extrema pobreza também fica evidente que os entrevistados querem conhecer a população menos favorecida dos destinos visitados, entender sua realidade e ajudar da forma que for possível.

Outra pergunta direcionada aos voluntários tratava da experiência da viagem para a Argentina, durante o período de construção das casas. O objetivo era identificar como a experiência estava sendo sentida por cada um dos entrevistados.

O entrevistado três, que já havia participado de outras construções no Chile, e que possui um contato constante com comunidades carentes, mostrou-se chocado com a situação das famílias argentinas da província de Entre Ríos.

A realidade da pobreza na Argentina é muito assustadora. No Chile não existem famílias morando desse jeito. Lá, a maioria das pessoas pobres vive em *campamentos*. Tivemos a oportunidade de conhecer as famílias de Entre Ríos, de entrar em suas casas, ver suas ruas, deixar nossos medo e preconceitos de lado. Conhecíamos as famílias pouco a pouco e cada vez mais entendíamos sua realidade. Percebíamos que eles são iguais a nós. E se são iguais, porque não tem os mesmos direitos? (entrevistado três).

O entrevistado três também comentou que acreditava que a experiência estava sendo muito proveitosa, pois ele conheceu diferentes métodos de trabalho. No *Techo* Chile os voluntários usam alavancas e cavadeiras, como no Brasil; já na Argentina eles utilizam somente uma pá, por exemplo.

Para o entrevistado um, o ponto principal da experiência até aquele momento era a troca de informações com pessoas de diferentes países. Sua equipe contava com uma guatemalteca, dois chilenos, dois argentinos, e ele (brasileiro). Ao conhecer as famílias argentinas, ele comentou que havia certa dificuldade de comunicação, mas mesmo assim ele fazia de tudo para entender o que eles tinham a dizer.

Está sendo um período em que nos ensinaram a ver as coisas de outra maneira, a destacar o que há de melhor em nós mesmos. Sete dias para quebrar preconceitos e começar a mudar uma realidade tão presente e tão esquecida ao mesmo tempo. A construção é um impulso para as famílias, mas também é uma forma de denunciar a situação em que milhões de pessoas da América Latina vivem todos os dias. Com isso, começamos a mudança para que todos tenham as mesmas oportunidades (entrevistado um).

Já a entrevistada dois, que participava do projeto pela primeira vez, ficou impressionada com o trabalho dos voluntários. A entrevistada acreditava que a construção seria mais leve, e que não se sujariam nem fariam tantos esforços. Entretanto, mesmo com essas dificuldades, a entrevistada dois disse que se sentia realizada por poder ajudar de forma tão intensa uma família.

Eu não imaginava que a gente carregaria ferramentas, martelaria, faria buracos na terra, um telhado, tudo tão rapidamente. É um trabalho pesado, mas é recompensador. A Paula (dona da casa que a entrevistada dois construiu) ajudou todo momento, pregou com vontade os últimos pregos dos painéis, fez um almoço delicioso, estava sempre com um sorriso no rosto. Aqui você aprende que pode ser feliz sendo simples, aprende que pode conviver bem com pessoas de outras classes e pode se divertir com elas. Você realmente muda a vida das pessoas. E elas mudam muito mais a sua (entrevistada dois).

Todos os entrevistados pareciam felizes até aquele momento com a experiência e disseram que o relacionamento com as famílias e com os voluntários eram de grande importância para o desenvolvimento do trabalho.

Na questão sobre a organização da viagem pelos voluntários, buscava-se descobrir se estes haviam realizado um planejamento prévio, se haviam entrado em contato com alguma agência ou se estavam viajando por conta própria, e qual meio de transporte havia sido escolhido. Os entrevistados dois e três informaram que a organização da viagem foi feita pelo escritório central do UTPMP Chile, que providenciou ônibus para todos os voluntários, de Santiago até as cidades argentinas. O tempo de duração da viagem foi de 22 horas, com diversas paradas em postos de gasolina pela estrada. Os voluntários disseram que a viagem foi cansativa, mas foi proveitosa, pois eles puderam conversar com outros voluntários que não conheciam durante o trajeto. Além disso, o escritório chileno também providenciou o envio de dez toneladas de ferramentas e de alimentos para a construção, através de um avião da Força Aérea. Os voluntários do Chile que foram construir na Argentina tiveram apenas que pagar 24.000 pesos chilenos, que totalizavam os custos de transporte para o país da construção, alimentação e hospedagem.

O entrevistado três já planejava participar da construção de casas em outro país e, como os *trabajos de invierno* ocorreram em período de férias, ele conseguiu viajar para a Argentina. Já a entrevistada dois estava no Chile havia um mês e já tinha ouvido falar sobre a organização. Fez a inscrição no escritório central do país e programou a viagem com outra amiga francesa.

O entrevistado brasileiro organizou a viagem de forma própria. Comprou as passagens aéreas pela internet, diretamente no *site* da companhia, entrou em contato com o escritório argentino e não teve que pagar a taxa de inscrição. Ficou hospedado no primeiro dia em um *hostel* no centro de Buenos Aires, o qual também foi reservado pela internet. Depois, se hospedou na casa de uma amiga argentina e logo em seguida partiu para a construção das casas. Ele afirmou que

achou mais fácil escolher participar do turismo voluntário de forma independente, pois economizaria dinheiro e também porque pensava que uma agência intermediando a compra poderia passar a impressão de um negócio apenas comercial e não social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa bibliográfica, no trabalho de campo realizado com a organização Um Teto Para Meu País e nas entrevistas realizadas com os três voluntários durante os trabalhos de inverno na Argentina, foi possível compreender que as motivações para realizar uma viagem de turismo voluntário são pessoais e diferem de indivíduo para indivíduo. Entretanto, há alguns pontos em comum, tais como o contato com uma realidade diferente da vivenciada diariamente, a troca de experiências e interação com os moradores locais, e a reflexão gerada pela atividade.

A pesquisa apontou que um dos fatores principais para a escolha desse tipo de turismo é o perceptível contato com a comunidade local. Nenhum dos respondentes indicou a viagem como forma de melhorar o currículo profissional; a única motivação nesse sentido é a capacidade de ganhar habilidades e aptidões de cunho pessoal que possam ser utilizadas em algum momento na vida corporativa, como facilidade de trabalhar em grupo e capacidade de resolver problemas. Outra motivação para a prática desse tipo de turismo se refere ao contato com outros voluntários e a consequente troca de experiências, que, através do contato intenso com todos os envolvidos e da intimidade facilmente criada, se revelam uma interessante alternativa para quem não tem companhia para viajar e não deseja ficar sozinho durante o período de uma viagem.

Em relação ao perfil do viajante, percebeu-se que o trabalho voluntário abrange diversas nacionalidades. No caso analisado, foram encontrados franceses, chilenos, guatemaltecos, norteamericanos, brasileiros e espanhóis. Quanto às idades dos voluntários, todos estavam na faixa etária entre 18 e 28 anos, e a maioria cursava ou já havia concluído algum curso superior. Entretanto, essa característica não pode ser generalizada para todos os tipos de turismo voluntário por se tratar de uma organização que tem como perfil o trabalho com jovens universitários.

Pelas respostas dos entrevistados, foi possível perceber uma tendência à participação em atividades voltadas para a ajuda humanitária, mesmo considerando a gama de organizações voluntárias existentes que realizam projetos relativos ao meio ambiente, à proteção de animais, do patrimônio histórico, entre outros. Foi, também, possível relacionar essa disposição à vontade de ajudar o próximo e ao pensamento repetido diversas vezes por diferentes voluntários, de que todos os seres humanos são iguais e merecem os mesmos direitos. Nesse contexto, ainda se concluiu que um dos motivos para a realização desses trabalhos se concentra no sentimento de justiça e direitos humanos para todos. Entretanto, deve-se levar em conta que os voluntários presentes tinham, em sua maioria, conhecimento da forma de atuação da organização, sabendo previamente que o trabalho é relacionado com a ajuda humanitária e com o combate à extrema pobreza – podendo, assim, possuir uma tendência a estas atividades.

Através das entrevistas e de conversas informais com participantes, percebeu-se que a maioria dos participantes não se importava com a nacionalidade da pessoa que receberia a ajuda, mostrando-se feliz apenas em ajudar. Verificou-se, também, que o conhecimento prévio do trabalho e das formas de atuação da organização escolhida pelo voluntário pode trazer segurança e facilidade ao se optar por uma viagem com objetivo solidário. Isso ocorre principalmente quando a organização da viagem é realizada por conta própria (e não através de uma agência ou operadora de turismo).

Como não foi encontrado nenhum voluntário que tenha realizado a viagem através de uma agência ou de um pacote turístico previamente montado, não foi possível analisar as expectativas e experiências dos usuários deste serviço. No caso da ONG Um Teto Para Meu País, por estar presente em 19 países e ser reconhecida mundialmente, pode-se inferir que a escolha por realizar a viagem de modo próprio (e não através de uma agência) deve-se ao fato de muitos já realizarem trabalhos com a organização no seu país de origem, facilitando o contato e a troca de informações sobre os destinos, meios de transporte e hospedagem. Entre os fatores que explicam a ausência de intermediários, pode-se citar a distância relativamente curta entre os países (todos localizados na América Latina); o fato da hospedagem, do transporte para a comunidade e da alimentação já

estarem inclusos no projeto, fazendo com que o “turista” tenha que se preocupar somente com a locomoção até o destino; e a gratuidade de participação em projetos de outros países. Todos os entrevistados disseram que se sentiram realizados com a viagem e consideraram a experiência positiva, com grandes chances de realizá-la novamente.

De acordo com as entrevistas e com a pesquisa bibliográfica, concluiu-se que os entrevistados não se encaixam em apenas um dos grupos definidos por Andereck et al. (2010), absorvendo características de três grupos diferentes: humanistas, envolvidos com a comunidade e trabalhadores. Entre as principais características, podem ser citadas as expectativas em relação ao contato com os moradores locais e com a comunidade, sem ter problemas com a falta de conforto, viajando para um destino internacional onde o inglês não é o idioma principal e realizando trabalhos físicos e manuais. Além disso, percebeu-se que mesmo com as características em comum (como idade e prévio conhecimento sobre a ONG), também não se obteve um grupo de entrevistados com as mesmas características, pelas diferentes respostas referidas à prática de trabalho voluntário anterior e às motivações para a viagem.

## REFERÊNCIAS

ANDERECK, K. et al. Experience expectations of prospective volunteers tourists. **Journal of Travel Research**, v. 51, n. 2, p. 130-141, Mar. 2012. Disponível em: <http://jtr.sagepub.com/content/51/2/130.full.pdf+html>. Acesso em: 24 Maio 2011. doi: 10.1177/0047287511400610.

BARRETO, M.. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos sócio antropológicos. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 133-149, Nov. 2004. Disponível em: <http://turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/446>. Acesso em: 24 Maio 2011.

BRASIL. Lei nº. 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9608.htm). Acesso em: 22 nov. 2010.

BROWN, S. Travelling with a purpose: understanding the motives and benefits of volunteer vacationers. **Current Issues in Tourism**, v. 8, n. 6, p. 479-496, Dez. 2008. Disponível em: [www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13683500508668232](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13683500508668232). Acesso em: 24 Maio 2011. doi: 10.1080/13683500508668232.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE-MEDEIROS, B. A favela que se vê e que se vende; reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 65, p. 61-72, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a06v2265.pdf>. Acesso em: 24 Maio 2011.

HUDSON, M. **Administrando organizações do terceiro setor**, São Paulo: Makron Books, 1999.

INSTITUTO para o Desenvolvimento do Investimento Social. **Brasil adota o manual da OIT para medir o valor do trabalho voluntário**. São Paulo, 12 ago. 2011. Disponível em: <http://idis.org.br/acontece/noticias/brasil-adota-manual-da-oit-para-medir-valor-do-trabalho-voluntario>. Acesso em 14 set 2011.

INTERNATIONAL Labour Organization. **Manual on the measurement of volunteer work**. Disponível em: [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---stat/documents/meetingdocument/wcms\\_100574.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---stat/documents/meetingdocument/wcms_100574.pdf). Acesso em 14 maio 2011.

KONRATH, S. et al. Motives for volunteering are associated with mortality risk in older adults. **Health Psychology**, v. 31, n. 1, p. 87-96, ago. 2011. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/journals/hea/31/1/87.html>. Acesso em: 14 ago 2011. doi: 10.1037/a0025226

LAGE, A.; PASTRE-ROSSI, P. “Turismo voluntário” conquista adeptos no Brasil e pelo mundo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u320556.shtml>. Acesso em: 12 nov. 2010.

McGEHEE, N. G.; SANTOS, C. A. Social change, discourse, and volunteer tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 32, n. 3, p. 760-779, jul. 2005. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738305000599>. Acesso em: 20 Ago. 2011. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2004.12.002>

TECHO. **Qué es Techo/Historia**. Chile, 2014. Disponível em: <http://www.techo.org/techo/que-es-techo/>. Acesso em: 10 jan. 2014.

ÚLTIMA HORA. Llegan los voluntarios que construirán 151 casas de emergencia en Santiago para quienes viven bajo la línea de la pobreza. **Última Hora**, 22 jul. 2011. Disponível em: <http://ultimahoradiario.com.ar/locales/2011-07-22-llegan-los-voluntarios-que-construiran-151-casas-de-emergencia-en-santiago-para-quienes-viven-bajo-la-linea-de-la-pobreza/>. Acesso em: 14 ago. 2011.

UNITED nations volunteers. **State of the World's Volunteerism Report, universal values for global well-being**. 2011. Disponível em: [http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2011/SWVR/English/SWVR2011\\_full.pdf](http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2011/SWVR/English/SWVR2011_full.pdf). Acesso em: 06 nov. 2011.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3.ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VENTURIERI, R. Intercâmbio no exterior para ajudar e aprender. **Revista Viaje Mais**, São Paulo, v. 109, p. 158-164, jun. 2010.

VOLUNTOURISM. Disponível em: <http://www.voluntourism.org>. Acesso em: 14 mar. 2011.

WEARING, S.; McGEHEE, N. G. Volunteer tourism: A review. **Tourism Management**, v. 38, p. 120-130, out. 2013. Disponível em: [www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517713000745](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517713000745). Acesso em: 01 fev. 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2013.03.002>

WEARING, S. **Volunteer tourism: experiences that make a difference**. Oxfordshire: CABI, 2001.

***VOLUNTEER TOURISM GOING BEYOND:  
A STUDY ABOUT THE EXPERIENCE OF SOLIDARITY IN THE AREA OF  
TOURISM***

***Abstract***

*The objective of this research was to analyze traveler's expectations in regards to volunteer tourism in order to understand the viewpoint of the traveler; seeking to understand their motivations, their profiles and their opinions about their travel. The open interviews were performed using the participant observation technique with people who utilize this type of tourism. The place chosen for this study was the non-profit organization Um Teto Para Meu País (A Shelter for my Country), present in 19 Latin American countries. The field work was conducted in Argentina in*

July 2011. The interviews were performed during the *Trabajos de Invierno (Winter Work)* event attended by over 1200 volunteers. They consisted of three college age volunteers, (20 to 22 years old), who were from three different nationalities (France, Chile and Brazil). They travelled independently, without the aid of travel agencies. As a result of the participant observation technique we have learned that volunteer tourists have distinctive personal motivations in regards to travel. The most cited reasons for this type of tourism are the sense of justice, equality and reflection provoked by this activity. Also important for this type of tourism is the contact with residents, which gives the traveler the opportunity to visit the region and to experience more intensely the habits and customs of its inhabitants.

**Keywords:** *Tourism. Volunteer. Volunteer Tourism. Um Teto Para Meu País (A Shelter for my Country).*

Artigo recebido em 06/02/2014. Aceito para publicação em 25/04/2014.